

## NOTAS SOBRE UM FUTURO IMPROVÁVEL: LITERATURA E INFÂNCIA NO PÓS-GUERRA CIVIL ESPAÑHOLA

Rosane Cardoso\*

**RESUMO:** *A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) impactou de maneira ímpar a vida cultural, política e social da Espanha. Um dos fenômenos mais marcantes do período compreende a tragédia que se abateu sobre as crianças durante e após o conflito. Este artigo traça algumas reflexões sobre a obra de Ana María Matute (1925-2014) no que se refere à infância e à perspectiva de futuro na Espanha franquista. O objetivo do estudo é estabelecer um debate entre as memórias sobre o período: a oficial, balizada pelo governo Franco; a literária, apresentada pela autora; e a emblemática, que emerge da construção literária e que avança como reflexão atual sobre o conflito.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Guerra Civil Espanhola, Infância, Memória.*

**ABSTRACT:** *The Spanish Civil War (1936-1939) caused a significant impact over cultural, economic, political and social aspects of life in Spain. One of the most striking phenomena concerning that period comprises the tragedy which befell the children, during and after the conflict. This article provides reflections on the literary work of Ana Maria Matute (1925-2014) with regard to childhood and future prospects of Francoist Spain. The study aims to hold a debate considering the memories of that time: the official memory, supported by the Franco government; the literary memory, presented by the author; and the emblematic memory, which emerges from the literary construction and advances as current reflection on the conflict.*

**KEYWORDS:** *Spanish Civil War, Childhood, Memory.*

*Cada uno de nosotros es, de algún modo,  
todos los hombres que han muerto antes.*

Borges

### SOBRE UMA GUERRA

Os quatrocentos anos da morte de Miguel de Cervantes vêm sendo celebrados em todo o Ocidente, merecidamente. Porém, talvez à sombra, ecoam outras datas de incomensurável importância histórica e literária no contexto espanhol: os cem anos de nascimento de Camilo José Cela e os oitenta anos do início da Guerra Civil Espanhola, cujo marco simbólico é o

---

\* Doutora em Letras pela PUCRS. Pós-doutorado na Universidade de Granada/Espanha. Docente do Departamento de Letras e do PPGL da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC.

assassinato de Federico García Lorca.

Entre os anos de 1936 a 1939, a Espanha enfrentou um violento conflito com consequências que a fizeram retroceder política e socialmente, já que, nesse período, iniciavam-se conquistas significativas do governo republicano, como o direito ao voto, a luta pela igualdade entre homens e mulheres, a liberação do divórcio, a separação entre Igreja e Estado. Porém, nem todos estavam satisfeitos com a nova configuração do país.

No dia 17 de julho de 1936, em Marrocos, e em 18 do mesmo mês, na Península, parte do exército espanhol se insurgiu contra o governo. Aos rebeldes juntaram-se outros partidários de uma Espanha mais tradicional: carlistas<sup>1</sup>, monárquicos, latifundiários, capitalistas, católicos fervorosos de distintas classes sociais, falangistas<sup>2</sup> e fascistas. Ao lado da república estavam operários e camponeses de vinculação marxista e anarquista, burgueses liberais, pequenos proprietários e os nacionalistas catalães e bascos (AGUINAGA, 2000, p. 311).

Em tempos de ascensão do salazarismo, do fascismo e do nazismo, os falangistas não tardaram a encontrar aliados sem medo de usar o poder de fogo. Hitler organizou a Legião Condor, dedicada a “experimentar en España nuevas técnicas de bombardeo. La destrucción de Guernica, en abril de 1937, plasmada en el famoso cuadro de Picasso, es el ejemplo más perfecto [...] seguido de cerca por los bombardeos de Madrid, Barcelona y otras ciudades” (AGUINAGA, 2000, p. 312). Apoiado pelos governantes totalitários da Europa, o general Francisco Franco Bahamonde (1892-1975)

<sup>1</sup> Partidários da sucessão do trono espanhol por Carlos María de los Dolores Borbón, Carlos VII, que participaram da disputa dinástica que causou a guerra carlista de 1833 a 1840. (BLINKHORN, 1994).

<sup>2</sup> Participantes do partido conservador Falange, que se inspirava no fascismo italiano e que foi um dos núcleos do movimento nacionalista. (BLINKHORN, 1994).

venceu a guerra contra os republicanos no ano de 1939, assumindo o governo. Esse período passa a ser conhecido na História como a ditadura franquista, a qual teria fim somente no ano de 1975, com a morte do “Caudillo<sup>3</sup>”.

Frequentemente, a Guerra Civil Espanhola e o franquismo se confundem, pois tanto um quanto o outro se constituem como períodos de igual violência. Também é fato que os historiadores divergem sobre as causas e os desdobramentos do conflito que colocou “El Generalísimo” no poder. Ou seja, apesar das alianças com um e outro grupo, ao fim não se estabeleceu nem o socialismo, nem o fascismo, nem o nazismo na Espanha. O franquismo tornou-se a nova ordem e o General, estrategicamente, evitou, ao longo dos anos, envolver-se com qualquer dos “ismos” a quem solicitara apoio.

O saldo de 600.000 mortos da última guerra civil europeia não contempla a realidade de suas consequências, já que o ditador não permitia que se levantassem dados sobre os anos entre 1930 e 1940 (THOMAS, 1964). Estudos mais recentes, como os de Vilar (2000) seguem fazendo cálculos sobre as perdas diretas e indiretas, tendo em vista que, junto aos mortos e desaparecidos, houve muitos autoexilados, pessoas que fugiam da miséria ou da perseguição do Estado, conforme as palavras de Dionisio Ridruejo<sup>4</sup>:

<sup>3</sup> Caudillo de la Guerra de la Liberación.

<sup>4</sup> Dionisio Ridruejo Jiménez (1912-1975) foi poeta, político e partidário de Franco, tendo lutado contra os republicanos. Durante a guerra, foi diretor geral de propaganda franquista. Porém, no pós-guerra, colocou-se contra o regime, o que lhe rendeu o exílio e alguns meses na prisão. Como poeta, fez parte da “Generación de 36”.

Los años cuarenta fueron, para la base más amplia y sumergida de la población, años de dolor, hambre, vejación y miedo en un régimen de “salvoconductos” para viajar y de “cartillas” para adquirir miserables raciones alimenticias. Fueron también años de euforia frívola, ofensiva, en la reducida clase, profundamente vulgarizada, de los mandarines sin respeto y los ricos especuladores... (AGUINAGA, 2000, p. 377).

Durante o período pós-guerra civil, a sociedade sofria com as regras impostas, lidava com o desemprego e com os vestígios deixados pela catástrofe. A miséria se alastrava pela cidade, enquanto Franco defendia a família baseada no modelo patriarcal e religioso. À mulher era imposta a tarefa de recompor os lares destruídos pela guerra. Com base no discurso de que, para a total reconquista da paz, era necessário o fortalecimento do lar, exigia-se que fosse formada uma estrutura educativa que garantisse a função social da mulher como esposa e mãe exemplar (HUGUET, 2012).

Na prática educacional do período pós-guerra, a educação doutrinária era o que reforçava a ideologia do regime. Fazendo a glorificação da pátria e impondo a ideia que o atual regime sanara o país da desordem, o franquismo criou uma memória oficial sobre o conflito, memória que não era a vivida, mas contada e decorada pela repetição que, por fim, se fortaleceu na ignorância das gerações vindouras. A formação das professoras era mínima e se pautava pela alfabetização. As meninas, em particular, sofreram prejuízo maior, pois ensiná-las pressupunha prepará-las para a vida doméstica:

Tras la guerra, la depuración (encarcelamientos, separación del cargo de por vida, también ejecuciones) de los maestros de la República dejó un vacío cubierto ahora con personas afines al régimen – sacerdotes, monjas o seglares – con más formación ideológica que vocación educadora, conocimientos académicos o talento. El nivel de formación de aquellas maestras de primeras letras en la posguerra era, salvo honrosísimas excepciones, el de la alfabetización. [...]. A las escuelas de enseñanza primaria se incorporarían

además falangistas dispuestos a ejercitar la censura indiscriminada (HUGUET, 2012, p. 12).

É possível perceber, portanto, o quanto o cerceamento das mulheres teve impacto na vida de seus filhos e filhas. Ao mesmo tempo, depoimentos como o da escritora Ana María Matute trazem à baila a situação dos adultos que, independente de serem homens ou mulheres, tinham pouca estrutura para se dedicar aos filhos, dada a montanha de problemas que enfrentavam no dia a dia.

Existe, assim, outro contingente de vítimas como resultado da guerra e do franquismo. A fome, a falta de higiene e, em muitos casos, a morte ou ausência dos pais afetavam profundamente as crianças. Porém, a maior tragédia diz respeito ao desaparecimento de meninos e meninas. Mais de 138.030 crianças morreram (SALAS LARRAZABAL, 1977) e, na medida em que “El Caudillo” aumentava sua ofensiva, pais republicanos enviavam os filhos, a fim de salvá-los, para outros países, sobretudo a União Soviética, principal aliado. Ali, a chegada dos pequenos era mostrada em suntuoso desfile, pois eram vistos como os verdadeiros revolucionários (DASSIER & DELANNOY, 1984). Enquanto isso, a Espanha republicana agonizava.

De acordo com a investigação da Delegación de Repatriación de Menores, por volta de 1949, a cifra de crianças expatriadas estava em torno de 32 mil<sup>5</sup>. Após o fim da guerra, muitos voltaram do estrangeiro, principalmente de países como França, Inglaterra e Bélgica. Mas há exemplos, como o México e a URSS, que não facilitaram o retorno, pois

---

<sup>5</sup> Este número chega a mais de 35 mil, dependendo do estudo. Há, atualmente, vários documentários, livros e artigos sobre o tema.

discordavam do governo Franco. As negociações para repatriação com os soviéticos só recomeçaram após a morte de Stálin. Ainda assim, várias das crianças já estavam integradas à sociedade do exílio. Conforme dados da Delegación, dos 32.037 foram repatriados 20.266 (VIGIL, 1996). Mas não foi um retorno feliz<sup>6</sup>:

Los niños y niñas que retornaron a España recién terminada la guerra civil se encontraron con un mundo muy diferente al que habían dejado al marcharse. Siempre arrastraron el estigma de ser hijos de “rojos” y sufrieron discriminaciones y rechazos por ello. A esto se unió el desamparo de muchos por haber perdido a sus padres o por estar éstos represaliados. Hubo el caso de niños que, cuando estalló la guerra, fueron dejados por sus padres al cuidado de familiares, reencontrándose después en el exilio. También la infancia y adolescencia de estos niños quedó marcada primero por haber sido “abandonados” y después porque se vieron obligados a iniciar una nueva vida en otro país. (VIGIL, 1996, p. 218-219)

A trajetória dos “Niños perdidos del franquismo” ou “Niños robados por el franquismo” é fundamental para a compreensão da infância apresentada em algumas obras da literatura espanhola dos anos de 1950. A referência aos “niños robados” diz respeito não somente a meninos e meninas que buscaram proteção em outros países, com intuito de voltar após a esperada vitória republicana. Muitas crianças desapareceram sob o jugo do próprio governo franquista. Conforme aumentava a repressão, crescia o número de prisioneiros que lutavam pela república. Entre esses, milhares eram mulheres militantes ou ligadas por parentesco ou casamento a um revolucionário. No cárcere, nasciam crianças que passavam seus primeiros anos presas por algo que sequer sabiam o que significava.

<sup>6</sup> Recomenda-se a leitura dos depoimentos coletados por Vigil (1996) sobre o exílio das crianças: <http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/viewFile/5663/5392>.

## PÓS-GUERRA E LITERATURA

Para além dos que estavam diretamente envolvidos no conflito – como soldados de uma ou de outra frente – a guerra civil e o pós-guerra geraram um impacto definitivo para a história da literatura espanhola. Deflagrada a guerra, a maioria dos escritores aderiu à causa republicana e democrática. Nascia a Alianza de Intelectuales Antifascistas, grupo que se envolveu intensamente no conflito, inclusive com o uso de armas, e que teve como símbolo o fuzilamento de Federico García Lorca, em Granada, conforme ratificou o poeta Antonio Machado: “El fascismo es la fuerza de la incultura, de la negación del espíritu... [...] la evidente enemistad del fascismo con el espíritu ha determinado el fusilamiento de Lorca...” (AGUINAGA, 2000, p. 318). Durante 1936 e 1939, proliferavam as revistas literárias, “liberdade” que logo seria sufocada pela vitória do General Franco, em 1º de abril de 1939, implantando em todo o país um regime “nacional, sindicalista, totalitario, autoritario, unitario, ético, misional e imperialista” (AGUINAGA, 2000, p.377).

O romance espanhol no imediato pós-guerra se pautou pela narrativa propagandística. Ou, melhor dizendo, este era o gênero apoiado pelo governo. Prêmios, como o Nadal de 1944, eram estímulos para obras que alardeassem os benefícios da nova ordem. Mesmo Franco, com o pseudônimo de Jaime de Andrade, escreveu um “novelón” intitulado *Raza* (RAMONEDA, 1988, p. 724). Mas o período também abriria caminho para uma fase de profundas reflexões sobre o homem e seu contexto imediato. A figura definitiva da primeira fase do pós-guerra é Camilo José Cela, que propôs um panorama cultural da época, com o romance *La familia de*

*Pascual Duarte*, em que se fundem existencialismo, determinismo naturalista e tremendismo, a corrente mais comumente ligada ao momento.

O tremendismo se vale de características bem marcadas, como a crueza de linguagem e das descrições. Porém, conceituá-lo dentro da narrativa realista espanhola não é tarefa simples. São muitos os debates em torno da corrente que sofreu rechaço inclusive de Cela, considerado o responsável por dar início à tendência. Athena Alchazidu (2005) propõe três acepções possíveis ao termo. A primeira compreende simplesmente a literatura do pós-guerra e não um estilo literário específico. O tremendismo também se qualifica, para a estudiosa, como uma forma de realismo, com especificidades que rompem com a estética vigente, o que aproxima bastante da terceira concepção que, ainda que seja uma forma de realismo, coloca-o como autóctone e especificamente centrado no pós-guerra. Dessa forma, não é o realismo em sentido amplo, mas gerado e cultivado em determinado tempo e espaço. Embora se mantenha ao longo dos anos de 1950, finalmente se extingue, deixando obras bem pontuais (ALCHAZIDU, 2005).

Ramoneda (1998) prefere a denominação de “literatura do exílio”, em detrimento a tremendismo, tendo em vista que, terminada a guerra, escritores, além de professores, cientistas, juristas, filósofos, entre outros intelectuais da época, tiveram de buscar refúgio no exterior ante a fúria franquista. Para Franco, havia a necessidade de uma “limpeza republicana”, muito próxima, segundo alguns estudiosos, da limpeza racial nazista<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Para esta discussão, sugere-se a leitura de VIDAL CASTAÑO, José Antonio. De la violencia política, la represión franquista y el “holocausto español”. *Hispania Nova*, nº 10, 2012. Disponível em: <http://hispanianova.rediris.es/10/dossier/10d005.pdf>.

Além de Cela, destacam-se, nessa vertente, os escritores Miguel Delibes, Darío Fernández Flórez, Carmen Laforet e Ana María Matute. Chamando a atenção para a efemeridade da corrente, torna-se evidente que logo os autores deram outros rumos para suas escrituras. De fato, nota-se que o tremendismo não era exatamente uma escolha literária, mas estava em consonância com o que os artistas se sentiam movidos a construir naquele momento, inclusive como uma necessidade de posicionamento político:

En ese contexto surge en la España mediocre y ensotana de los años cuarenta una corriente que venía a responder, mediante los presupuestos estéticos nada complacientes, al enorme vacío que había dejado la contienda fratricida. Esa corriente, conocida desde el principio como Tremendismo, fue posible en el contexto de un país habituado a la sangre fácil de sus numerosos encontronazos bélicos, habituado a las conquistas y reconquistas, un país en el que eran frecuentes las ejecuciones arbitrarias, la persecución implacable de los derrotados, las torturas indiscriminadas en calabozos que fueron convertidos en ergástulos medievales, en los que muchos españoles vivieron verdaderos infiernos inenarrables, por utilizar una expresión acuñada por Miguel Ángel Asturias (CAMACHO DELGADO, 2006, p. 209).

Contudo, pensando no contexto, é significativo retomar que, na base dessa literatura, há uma importante trajetória de autores que se vinculam a questões políticas cruciais na história da Espanha. A “Generación del 96”, por exemplo, é marcada pela derrota espanhola contra os Estados Unidos e a consequente perda de Puerto Rico, Cuba, Guam e Filipinas, em 1898. A profunda crise social, política e moral é debatida insistentemente por Unamuno, Ángel Ganivet e Pio Baroja, entre outros.

A “Generación del 27” estará no centro do conflito que resultará na Guerra Civil Espanhola. Assinalada pelo Vanguardismo, concilia variadas correntes artísticas, na busca por uma nova linguagem poética. Polêmicos,

Federico García Lorca, Dámaso Alonso, Luis Cernuda, Vicente Aleixandre, entre outros, tratam de temas como o feminismo e a cultura popular. Por fim, a “Generación del 36” já abarca o período do pós-guerra, em que a censura e a opressão geram desilusão em relação ao futuro, originando, em alguns casos, uma escritura tão introspectiva quanto atenta à realidade circundante.

## **GUERRA E INFÂNCIA EM ANA MARÍA MATUTE**

Ana Maria Matute pertence à geração que, durante os anos de 1950, prezava a formação da mulher segundo os princípios cristãos, o que excluía não só a intelectualidade, mas a ideia de que a mulher pudesse estar fora da vida doméstica. Nem por isso elas deixavam de visar à emancipação intelectual. Nessa linha, Matute declarava-se contra o modo de governar de Franco e, nas suas obras, utiliza-se frequentemente de figuras autoritárias na crítica ao poder opressor:

Matute, no intuito de configurar literariamente a repressão e desmascará-la, retrata o cotidiano de vidas desvencilhadas pela guerra fratricida, uma realidade que era maquiada pela repressão do poder e do regime. Em uma visão crítica e consciente, ela não media esforços para, através da literatura, mostrar sua posição em relação ao governo vigente (SILVA, 2010, p. 39).

Mesmo na literatura voltada ao público infantil, Matute rompe com restrições sociais e normas tradicionais vigentes. Igualmente, a autora faz parte da chamada geração dos “niños assombrados” ou de “los niños de la guerra”. Embora tenha escrito vários romances, dedicou-se com afinco à literatura infantil e, sobretudo, à infância que via como algo mais do que uma fase da vida: “es un mundo completo, autónomo, poético y también

cruel, pero sin babosidades.”<sup>8</sup> A predileção pelo tema da morte, por exemplo, vem de encontro à narrativa edulcorada que se oferecia à criança com o intuito de domesticá-la ante as propostas do governo.

Em 2010, Ana María recebe o Premio Cervantes, aos 85 anos. Segundo Juristo (2010), este reconhecimento destaca não apenas a vencedora, mas as autoras que iluminaram aqueles anos difíceis. Ainda conforme o crítico, Matute seria, dentro da literatura espanhola, a única escritora que soube recriar a tensão, frequentemente horrível, “entre la mirada que se quiere inocente y la que sabe que es imposible” (JURISTO, 2010). Graças a isso, segundo o jornalista, a inocência que prevalece nas personagens criadas pela autora redime a todos tanto da frustração quanto da dor da experiência.

Em entrevista de 2004, a autora negou a propalada relação com o tremedismo: “yo creo que siempre hay que huir de los ismos y de las modas” (SIGÜENZA, 2004). A literatura se manifestou para ela como uma urgência de falar, algo para o qual parecia não ter sido feita. Relacionar-se com o mundo adulto lhe era difícil, truncado. Escrever, não. Tendo passado a infância em meio às crises que resultaram no conflito, tendo vivido a guerra dos 11 aos 14 anos, e tendo acompanhado o franquismo, conhecia bem a relação entre a infância e o medo. Vale lembrar que a II Guerra Mundial iniciou poucos meses após o fim da guerra civil. Em meio a isso, escrever se tornou mais do que se ligar a uma corrente. Como, naquele momento, não escrever sobre a violência?

---

<sup>8</sup> Esta frase faz parte de uma série de entrevistas concedidas por Matute ao ganhar o Prêmio Cervantes, em 2010. São frequentes as alusões às “frases célebres” da polêmica autora.

En medio de estos pequeños desastres de mi vida, que a lo largo de los años pienso de no lo fueron tanto, estalló la Guerra Civil. Entonces, la imagen más brutal y menos agradable de la vida rompió y penetró en ese círculo mío, en esta especie de isla privada y solitaria. Aprendí a mirar las cosas y los seres con otros oídos, ya comprender, al fin, que no importaba demasiado de donde venía yo o a donde iba. Supe que estaba allí. Y que debía avanzar tanto si me gustaba como si no (MATUTE, 2000b, p. 106).

Um aspecto importante da obra matuteana está no fato de as crianças – seguindo a linha da autora de evitar simplismos – não são inevitavelmente inocentes. Há, por exemplo, meninos que apreciam matar animais. Também não há concessões quanto à fealdade, pobreza ou debilidade mental das crianças. Elas são o que são. O que marca a maioria delas, no entanto, é a apatia, a condição de não se darem conta de que estão alienadas ao mundo, esquecidas pelos pais, ou deixando a infância para trás de maneira abrupta, caso de “El niño que se le murió el amigo”, de *Los niños tontos*, de 1956. Na narrativa, um garoto passa pelo processo de entender a morte de um amigo. Quando se apercebe que ele não voltará, joga fora os brinquedos: “Qué tontos y pequeños son estos juguetes” (MATUTE, 2000a, p. 92). A mãe, então, compra-lhe roupas de adulto.

Este livro de contos, *Los niños tontos*, escrito vinte anos após o início da guerra civil e a quase outros vinte de ditadura franquista, apresenta meninos e meninas considerados “tontos”, seja pela inocência mal compreendida, seja pelo mundo cruel e sem perspectivas: “eles morrem, não superam, nem encontram harmonia” (CARDOSO, 2015, p. 384). Vivendo à margem da sociedade e mesmo da própria família, as crianças são invisibilizadas pelo adulto.

A ruptura brusca com a infância – ou o abandono do mundo edênico tão bem representado no conto referido – remete ao estado de indignância

em que mergulharam os pequenos durante e após a guerra civil, situação clara em *Carnavalito*, de 1962, cujo protagonista, Bongo, é um menino abandonado que trabalha desde o amanhecer até a noite. Não há notícias sobre seus pais ou parentes. Vive como empregado de um ferreiro contador de histórias que, com suas narrativas, oferece uns poucos momentos de prazer à criança. Depois de muito tempo, Bongo encontra mais uma razão para acreditar no futuro: o ferreiro o chama de “hijo mío” (MATUTE, 2015, p. 11). Mas essa alegria pouco dura. Em certo dia de novembro, “una gran niebla llegó al Pueblo, borrando todas las cosas” (MATUTE, 2015, p. 23). E, realmente, a possibilidade de uma vida melhor prontamente se esboroa e a narrativa, afinal, acena que neste mundo não há lugar para crianças como Bogo. Por isso, ele se deixa guiar por um arlequim, *Carnavalito*, a fim de conhecer um lugar onde só existe paz.

Estas, porém, não são as únicas incursões de Matute sobre a infância relacionada à guerra e ao franquismo. *Los hijos muertos*, de 1959, confirma o interesse da autora por contos e traz várias histórias que tematizam o pós-guerra e o exílio. *Primera memoria*, também de 1959, se amplia para a adolescência e uma jovem recorda os primeiros momentos da guerra. Em seus vários outros textos, ainda que nem sempre volte a falar sobre a violência armada, o olhar matuteano quase sempre segue a memória, os marginalizados e a violência.

Quando tratamos de pensar a representação da infância na literatura, é necessário levar-se em conta que tal construção é feita por um adulto e por sua concepção de infância. De algum modo, a experiência de ser criança retorna no momento em que constrói, na ficção, um menino ou uma

menina. No caso de Matute, em repetidas oportunidades, a autora fala da meninice rodeada de adultos e de silêncios, de pais sisudos e preocupados com o que ocorria no país. Não se trata de fazer-se aqui uma afirmação de que a escritura matuteana seja biográfica. Mas, segundo Molloy, a linguagem é a única maneira de que dispomos para “ver” nossa própria existência e, “em certo sentido, já fui “contado” – contado pela mesma história que estou narrando” (MOLLOY, 2002, p. 19).

Dessa perspectiva, a escritora espanhola transmite um trauma geracional que, se para ela era ainda muito presente, também deixa para a geração seguinte a tensão entre a lembrança e o esquecimento, pois, como comentam Bertin e Aliani (2011), “el encuentro con las propias historias deja huellas psíquicas y afectivas que configuran el presente de cada sujeto” (BERTIN & ALIANI, 2011, p.36). A intenção deste estudo é pensar a obra de Matute não como textos pautados pela memória e pela construção de memórias da guerra, e sim como pela instauração de determinadas memórias como um debate sobre os eventos traumáticos vividos tanto por ela, quanto por milhões de crianças.

De acordo com Musci, a partir de 2002, com o documentário de Armengou, Belis e Vinyes sobre as crianças desaparecidas durante o franquismo, outros filmes, livros, estudos, debates, vêm trazendo à tona os diferentes destinos que sofreram essas vítimas sem voz, filhos de republicanos. Eliminá-los corresponderia, na concepção do governo, promover uma regeneração da raça (MUSCI, 2011, p. 3).

A insistência de Franco em impor uma educação doutrinária às crianças não deixa dúvidas sobre a intenção de mascarar memórias sobre o

conflito, razão, inclusive, para a repatriação das crianças exiladas como uma grande operação propagandística (MUSCI, 2011). Com isso, ficavam para trás os roubos, assassinatos e adoções ilícitas dos menores. Ou seja, o franquismo buscou se alicerçar em um passado republicano totalmente esmagado, desaparecido.

Sobre os mecanismos utilizados por Franco, pode-se recorrer às considerações de Paul Ricoeur (2007) a respeito da manipulação das memórias. Os governantes, geralmente, se utilizam do discurso para realizar sua empreitada de seduzir e intimidar. Portanto, a narrativa imposta, vinculada à ideologia dominante, é o instrumento privilegiado desse processo. A ideologização da memória torna-se possível pela forma como se configura a narrativa (RICOEUR, 2007, p. 98): “De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração” (RICOEUR, 2007, p. 98).

Pensando na memória “do outro lado do conflito”, isto é, no lado dos não vencedores, a narrativa proposta por essas vozes se convertem em novos sentidos para os eventos traumáticos, como processo subjetivo, dinâmico e construído socialmente (JELIN, 2012). Ainda que Matute tenha as suas memórias e as reconstrua em muitos de seus escritos, essas memórias estão, inevitavelmente, em choque com as instituídas. Governos autoritários atuam como administradores de memórias e gerenciam o esquecimento a fim de que se imponha uma memória oficial. Assim, a escritura de determinada obra que, insistentemente, dialogue com o conflito, possibilita a constante interlocução com leitores que também são

memórias ou com aqueles que, nascidos posteriormente, podem pensar o conflito para além do que está posto, como a história oficial.

Ademais do esquecimento imposto por políticas das memórias, que mantêm as lembranças sufocadas no passado, gerando traumas pelo impedimento das lembranças, pode ocorrer, por outro lado, o amadurecimento reflexivo sobre os fatos armazenados na memória. Às vezes, o esquecimento é necessário, a fim de seguir vivendo para além da violência vivida. O reordenamento das lembranças possibilita, pois, o *olvido evasivo*, segundo Ricoeur (2007), comum em períodos históricos posteriores a catástrofes sociais, genocídios e massacres.

Na batalha de lembranças, toda e qualquer memória precisa receber legitimidade. Nesse sentido, Steve J. Stern (1999) assegura que as lembranças pessoais somente ganham um sentido coletivo quando se tornam memória emblemática, ou seja, ao sistematizar as diversas memórias pessoais, articulando-as a um sentido coletivo, definem, não em um nível consciente, que memórias devem permanecer na lembrança e quais precisam ser esquecidas ou secundadas. Assim, instaura-se a memória que permanece, a memória legitimada.

Com a discussão sobre Matute, defende-se a ideia de que a literatura também pode ser uma memória emblemática. Porém, como aparato simbólico e plurissignificativo, não admite a estagnação de ideias. Nessa linha, as personagens representativas da infância de Matute desvelam o olhar que a autora estende ao futuro, qual seja, a infância como uma metáfora de uma Espanha cujos traumas seguem esperando ser revelados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas reflexões buscaram apresentar um breve panorama da Guerra Civil Espanhola, do pós-guerra e do franquismo e seu impacto na literatura. Para tanto, optou-se por discutir a infância na obra de Ana María Matute, já que as crianças desempenham um papel crucial no levantamento de memórias sobre esses eventos traumáticos.

Durante os anos da guerra propriamente dita, milhares de meninos e meninas desapareciam diariamente, sendo mortos ou colocados nas mãos de outras pessoas. Também a fome e a miséria os atormentavam. É possível ver-se, disponível em documentários, livros e museus, as inúmeras imagens dessas crianças jogadas nas ruas, algumas mortas, outras enegrecidas pela fumaça do fogo cruzado ou pelo sangue. São fotos que coadunam, sem esforço, como os “niños tontos” de Matute: uma geração assombrada, perdida e que praticamente desconhece a paternidade, seja ela familiar ou a de uma pátria acolhedora.

Na Espanha, como em diversos outros países que sofreram o impacto de uma guerra ou de uma ditadura, multiplicam-se discussões contemporâneas sobre memória e sobre modos de questionar a história oficial deixada justamente pelos governos opressores. A obra de Matute é um espaço de memória e, justamente por isso, provoca, mesmo em contraste com estudos e abordagens mais recentes sobre o período de 1936 a 1975, uma constante batalha de memórias. A literatura – e a arte em geral – permite, através da interpretação, que o olhar sobre os fatos narrados se problematize.

Assim, a concepção da literatura como um espaço de memória compreende, neste artigo, um compromisso com a narrativa e seus elementos no campo literário, não com uma verdade absoluta, mas como desdobramentos dessa verdade e, sobretudo, com subjetividades. A arte é, também, um patrimônio, um arquivo<sup>9</sup>, se quisermos. Mas, igualmente, ela se recusa à unilateralidade e pode se constituir em uma memória reflexiva sobre determinados eventos. As possibilidades de leitura que oferece se contrapõe à verdade oficial através do diálogo que provoca. Assim, voltando a Stern, podemos vê-la como emblemática que une a individualidade ao coletivo, em sentido sempre movente.

No caso matuteano, sua insistência na infância impede o esquecimento daqueles meninos mortos, esquecidos ou exilados que são parte da realidade da guerra. Mas, dentro das casas, as crianças aparentemente protegidas também viviam o conflito do silêncio. Assim, em tantas histórias sobre meninos e meninas que não falam ou não são ouvidos, a autora destaca que esta situação deve ser narrada, não somente para lembrar, mas para permanecer na lembrança das próximas gerações.

Desse modo, os leitores, envolvidos ou não naquele contexto, têm a prerrogativa de questionar tanto as memórias estabelecidas quanto as suscitadas. A própria experiência da autora, ainda que indiretamente apresentada em seus textos, permite a identificação com as personagens e uma leitura para além da perspectiva histórica ou testemunhal. O conflito

---

<sup>9</sup> Por “Arquivo”, considera-se a denominação de Catela e Jelin (2002), como “un lugar donde se acumulan memorias colectivas totalizadas y unificadas, en nombre de diferentes principios como la nación, el Estado, la lucha de clases, etc. Su estructura se dispone para la reactivización, resignificación y negociación de diversas formas de memorias sociales (CATELA & JELIN, 2002, p.69).”

passa a ser pensado a partir de um sujeito que compartilha e amplia aquilo que efetivamente vivenciou.

## REFERÊNCIAS

ALCHAZIDU, Athena. Las raíces del Tremendismo español. 2005. Disponível em: [https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/113233/1\\_Etude\\_sRomanesDeBrno\\_35-2005-1\\_4.pdf?sequence=1](https://digilib.phil.muni.cz/bitstream/handle/11222.digilib/113233/1_Etude_sRomanesDeBrno_35-2005-1_4.pdf?sequence=1). Acesso em: 3 de janeiro de 2016.

ALTED VIGIL, Alicia. Las consecuencias de la Guerra Civil Española en los niños de la República: de la dispersión al exilio. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie V, Contemporánea. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/viewFile/5663/5392>. Acesso em: 27 de março de 2016.

ARMENGOU, Monteserrat; BELIS, Ricard & VINYES, Ricard. *Los niños perdidos del franquismo*. Documentário. 2000. 51 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c05-psMgiHU>. Acesso em 22 de março de 2016.

BERTIN, Fabiana & ALIANI, Néstor. Memoria y transmisión generacional. *UARICHA – Revista de Psicología*. Universidad Nacional de

Entre Ríos. Disponível em:

[http://www.revistauaricha.umich.mx/Articulos/uaricha\\_0816\\_036-044.pdf](http://www.revistauaricha.umich.mx/Articulos/uaricha_0816_036-044.pdf).

Acesso em 10 de janeiro de 2016.

BLANCO AGUINAGA, Carlos et al. *Historia social de la literatura española*. v.II. Madrid: AKAL, 2000.

BLINKHORN, Martin. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1994.

CAMACHO DELGADO, José Manuel. *Magia y desencanto en la narrativa colombiana*, 2006. Disponível em:

<http://www.biblioteca.org.ar/libros/141660.pdf>. Acesso em: 23 março de 2016.

CARDOSO, Rosane. As crianças que não existiam: a infância e a literatura infantil em Ana María Matute. In: *Caderno Seminal Digital*. Ano 21, nº23. v.1 (jan-jun/2015). ISSN 1806-9142. p. 375-396. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/14393/12991>.

Acesso em: 21 de março de 2016.

CATELA, Ludmila da Silva & JELIN, Elizabeth. *Los archivos de la represión: documentos, memoria y verdad*. Madrid: Siglo XX de España/Siglo XX de Argentina, 2002.

CELA, Camilo José. *La familia de Pascual Duarte*. Barcelona: Destino Libro, 2006.

DASSIER, Jean-Claude & DELANNOY, Gilles (Dir.). *Guerra Civil Espanhola: prelúdio da tragédia*. Documentário. Produtor: Jean-Paul Thomas. Inglaterra: Distribuidora Duetto, 1984. 58 minutos.

HUGUET, Montserrat. *Memoria del primero franquismo: mujeres, niños y cuentos de infancia*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid, 2012. Disponível em: [https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/16414/cuentos\\_huguet\\_2013\\_pp.pdf](https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/16414/cuentos_huguet_2013_pp.pdf). Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de memoria*. Lima: IEP, 2012.

JURISTO, Juan Ángel. Ana María Matute, Premio Cervantes 2010. *ABC.es/ Cultura*. 24/11/2010. Disponível em: <http://www.abc.es/20101124/cultura-libros/matute-cervantes-201011241228.html>. Acesso em 08/06/2016.

MATUTE, Ana María. *Carnavalito*. Barcelona: Planeta, 2015.

**Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 26 –2016, p.230-253.**

\_\_\_\_\_. *Primera memoria*. Barcelona: Austral, 2014.

\_\_\_\_\_. *Los hijos muertos*. Barcelona: Austral, 2014.

\_\_\_\_\_. *Los niños tontos*. Valencia: Media Vaca, 2000a.

\_\_\_\_\_. Ana María. “Cómo empecé a escribir”. In.: MATUTE, Ana María. *Los niños tontos*. Valencia: Media Vaca, 2000b.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

MUSCI, Mónica Beatriz. Niños adoptados, perdidos, robados en el franquismo. Las lecturas de la prensa española (Conferencia). In: *Diálogos Transatlánticos. Memoria del II Congreso Internacional de Literatura y Cultura Españolas Contemporáneas*. Disponível em: <http://congresoespanyola.fahce.unlp.edu.ar/ii-congreso-2011/actas-ii-2011/volumen-ii/II03Musci.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2016.

RAMONEDA, Arturo. *Antología de la literatura española del siglo XX*. Madrid: Coloquio, 1988.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALAS LARRAZABAL, Ramón. *Pérdidas de la guerra*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977.

SIGÜENZA, Carmen. Ana María Matute: "La literatura infantil hoy en día es una pena". *Revista de Cultura*. 07 de agosto de 2004. Disponível em [http://edant.revistaenie.clarin.com/notas/2009/08/07/\\_-01974016.htm](http://edant.revistaenie.clarin.com/notas/2009/08/07/_-01974016.htm).

Acesso em 12 de dezembro de 2015.

SILVA, Rosenir Antonia da. *Primeira memória: a representação do poder e autoridade*, 2010. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/e2c131de1745717e13b2731419f287a6.pdf>. Acesso em: 29 janeiro de 2016.

STERN, Steve. De la memoria suelta a la memoria emblemática: hacia el recordar y el olvidar como proceso histórico (Chile, 1973-1998). *Seminario Memoria Colectiva y Represión*. Montevideo, 1999.

THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Tradução de James Amado e Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VIDAL CASTAÑO, José Antonio. De la violencia política, la represión franquista y el “holocausto español”. *Hispania Nova*, nº 10, 2012. Disponível em: <http://hispanianova.rediris.es/10/dossier/10d005.pdf>. Acesso em: 1º de maio de 2016.

VILAR, Pierre. *La Guerra Civil Española*. Traducción de José Martínez Gázquez. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 2000.